



ENTREVISTA MASCULINIDADES

FERNANDO SEFFNER

1. Em tua trajetória como pesquisador da área de gênero e sexualidade como vens percebendo o debate das Masculinidades nos diferentes espaços educativos?

Nos lugares por onde ando e realizo encontros, aulas e palestras, nos últimos 3 a 4 anos, percebo que há claramente um interesse maior em conversar nos ambientes escolares sobre o que eu chamo de produção de masculinidades, especialmente as masculinidades heterossexuais, ou seja, conversar sobre os garotos que são “normais”, como dizem alguns. Há alguns anos a maioria das conversas em escolas era para falar sobre os meninos supostamente “não normais”, ou seja, meninos gays, mais delicados, meninos que não queriam jogar futebol, meninos que se assumiam como mulheres, meninos que recusavam várias das marcas da masculinidade hegemônica. Era muito difícil começar uma conversa acerca do típico menino que gosta de futebol, é meio largado nos estudos, namorador das meninas, fala palavrão, é um tanto bruto, enfim, carregam marcas como essa.

O comportamento do meninos “normais” não é visto mais como tão “normal” assim. Se poderia dizer que a frase já tão repetida “boys will be boys” (meninos devem ser meninos, a indicar que “os meninos são assim mesmo” ou “deixem os meninos serem meninos”) já não aparece como algo tão “natural”, e passa a ser questionado. Em alguns artigos que publiquei, fruto da etnografia de cenas escolares, flagrei momentos em salas de aula, recreios e reuniões de professores e professoras onde isso aconteceu. Tivemos questionamentos sobre essa naturalidade que sempre se disse que “os meninos são violentos mesmo assim”, “eles são bagunceiros”, “os guris não prestam

muita atenção nas aulas, isso é normal”, “guri não traz o material para a aula mesmo, é sempre assim”, etc.

Por outro lado, há uma visível afirmação das masculinidades não hegemônicas no espaço escolar, com meninos gays bastante assumidos, garotos já transicionando para o feminino, e meninos que não seguem o modelo hegemônico, mesmo sendo heterossexuais. É um tanto difícil classificar isso tudo que se vê quando faço etnografia da cultura escolar, mas o certo é que quando se examina uma classe de alunos e alunas, do ensino fundamental ou do ensino médio, chama a atenção certa diversidade tanto entre os meninos quanto entre as meninas. Esses dias publiquei em um artigo o diálogo sobre depilação com dois garotos de um oitavo ano. Os dois meninos eram claramente heterossexuais, e me contaram que suas mães não gostam que eles depilem as pernas, mas eles fazem isso porque as gurias gostam. Perguntei então se isso não os deixava parecidos com meninos homossexuais, e os dois enfrentaram bem a discussão, dizendo que cada um fazia com um objetivo. O objetivo deles era agradar as meninas. O objetivo dos meninos gays era se parecer como mulheres, como disse um deles. Há alguns anos certamente não haveria como um garoto afirmar que se depila (usando inclusive esse verbo mesmo, depilar, pois ele poderia ter dito que tira os pelos, ou que raspa os pelos, mas eles estavam os dois dizendo o tempo todo que se depilavam), mas, enfim, não há como pensar que há alguns anos um menino heterossexual iria enfrentar essa discussão com certa naturalidade. Algumas coisas então mudaram, isso é certo, e não apenas para as masculinidades não hegemônicas, como também para as masculinidades hegemônicas.

Enfim, não quero desenhar um cenário positivo demais sobre o tema. Claro está que hoje em dia, também nas escolas, circulam discursos de ódio e de intolerância para com as diferenças, e entre elas se incluem fortemente as diferenças de gênero e sexualidade. Mas vejo de modo igualmente muito forte a presença de coletivos de meninas muito empoderadas, de meninos com alguns comportamentos claramente alinhados com o feminismo, e de muita visibilidade de meninos gays, meninas lésbicas, garotos e garotas trans, além da cultura da vaidade entre os meninos heterossexuais. Veja bem, eu estou atualmente observando recreios escolares. Esses dias, em uma escola, cheguei bem antes do recreio, e fui olhar o futebol dos meninos na quadra de esportes, na verdade um campo aberto atrás dos pavilhões. Havia ali um grupo de seis meninos, certamente heterossexuais, que se recusou a jogar futebol, pois eles iriam ficar

muito suados, e estariam muito desalinhados e fedidos na hora do recreio, que era quando eles tinham a oportunidade de se exhibir para as meninas das outras salas de aula. Conversei com eles, e fui obrigado a admitir que certos cuidados com a aparência masculina modificam até mesmo a tradicional preferência pelo jogo de futebol, que os seis garotos me disseram que gostavam muito de jogar. Há, em meus textos, outros diálogos em que flagrei cenas como essas. Enfim, é uma mistura de diversidade e novidade com o recrudescimento de discursos de ódio, uma química bastante complexa. Se por um lado cresceu a intolerância, isso é, aliás, completamente visível no Brasil e, inclusive apoiado por muitos governantes, cresceu também a capacidade de resistência das minorias, e parece difícil imaginar que vão elas retornar a seus papéis subordinados facilmente. Mas isso é um enfrentamento duro, com certeza.

2 Em que contexto emerge os Estudos das Masculinidades? O que este campo tem possibilitado nos debates e pesquisas no Brasil?

Eu ingressei nos estudos sobre masculinidades por conta da epidemia de Aids. Ou seja, cheguei no tema via discursos da saúde e da doença, que sempre problematizaram, a seu modo, o masculino e o feminino. Ocorre que tivemos um momento histórico em que os homens bissexuais foram acusados claramente, pela mídia e inclusive, por muitos gestores em saúde e sociedade, de serem os transmissores da Aids de um grupo específico, que agregava em particular os homens homossexuais, para a população em geral, começando a infectar em primeiro lugar as mulheres, suas esposas e, dali, crianças, gerando a chamada Aids pediátrica. Com isso a masculinidade bissexual foi muito atacada, vista como um vetor a espalhar a Aids, e eu me interessei pelo tema, e fiz minha tese de doutorado, já publicada em livro.

De lá para cá me estabeleci na pesquisa dos modos de produção, manutenção e modificação das masculinidades. Por muitos anos pesquisei e orientei trabalhos para investigar masculinidades em contextos específicos – no futebol, entre rapazes que faziam strip-tease, homens gays mais velhos, homens velhos em asilos, homens interditados por conta do abuso de álcool ou outras drogas, homens em residenciais terapêuticos depois de longos anos de internação em hospitais psiquiátricos, meninos em famílias usuárias de longa duração do Programa Bolsa Família, professores homens atuando nas séries iniciais no meio rural, travestis e transexuais e homens gays em situação de privação de liberdade, homens maridos de travestis, enfim, uma enorme

listagem de situações específicas, que eu chamo de contextos específicos de produção de masculinidades. Está tudo lá na lista de orientações do Currículo Lattes, com destaque para muitas orientações de cursos de Especialização.

Nos últimos anos tenho migrado para estudar as masculinidades em sintonia mais intensa com os feminismos – feminismo negro, feminismo decolonial, trans feminismo, etc. Também tenho me movido para usar as teorizações queer para estudar a questão da norma, e a partir daí os movimentos de produção de masculinidades. No momento atual me interessam as conexões entre regimes autoritários, produção de masculinidades e fascismo, bem como entender a produção de masculinidades de figuras ligadas a religiões de discurso conservador, os chamados empresários morais. Ou seja, temos no cenário brasileiro, e mundial, o desenvolvimento de estilos de masculinidades claramente alinhados a pressupostos autoritários, militarizados – embora com novas definições do que seja um militar e qual sua função na sociedade – e com projetos de sociedade regressivos em termos de direitos das chamadas minorias, incluídas aqui as mulheres.

Para quem observa o campo, também há que se considerar que se desenvolveu um movimento de valorização das masculinidades tradicionais, e isso tem rendido pesquisas e embates políticos. Do meu ponto de vista, o campo de estudos das masculinidades cresceu muito, e só tende a se ampliar. Isso é altamente positivo, pois começamos estudando os homens que, digamos assim, se desviavam da norma, e agora tivemos uma politização dos modos de ser homem, e passamos a estudar tipos masculinos que são praticamente a própria norma, mostrando que tudo é construção.

3. Temos percebido discussões relacionadas as masculinidades tóxicas. Que implicações essa temática tem produzido culturalmente?

Penso que essa é uma das novidades positivas do campo de estudos das masculinidades, e do gênero em geral. Embora eu tenha alguns incômodos com o uso dessa expressão, masculinidades tóxicas, pois lembra algo da ordem da doença e da saúde, eu vejo com otimismo que se generalizou na sociedade um debate sobre modos de ser homem que produzem danos aos outros que lhes rodeiam, e a si próprios, aos homens mesmos. Por vezes a discussão é excessivamente marcada pelo pensamento médico ou psicológico, sem levar em conta fatores de ordem social, cultural, política.

Mas em geral, em programas de rádio e TV que tenho ido, em debates, eu vejo que esse conceito das masculinidades tóxicas permite que as pessoas se indaguem sobre questões ligadas a privilégios, violência, posturas agressivas, maus tratos emocionais, distribuição injusta de oportunidades, equidade de gênero, salários injustos, quando homens e mulheres desempenham a mesma função, mas em especial permite reconhecer comportamentos masculinos que se sabe que vão produzir dano em quem estiver ao lado desses homens. Por vezes pode ser algo um pouco discriminador, pois já estive em debates onde as pessoas começaram a fazer uma lista de características do que seria um homem com masculinidade tóxica, o que torna o problema excessivamente pessoal e não social, mas de toda forma eu gosto desse conceito, acho que ele abre oportunidades para que possamos debater outros conceitos caros da nossa área, como em especial regimes de equidade de gênero, empoderamento feminino, educação de meninos e meninas, etc. E acho também que termina servindo como um roteiro de alerta para meninas e mulheres se defenderem do feminicídio que, infelizmente, está em alta no país, bem como os crimes de homofobia, estimulados por discursos de supremacia masculina muito fortes, vindos de parte de religiões fundamentalistas e inclusive de muitos agentes governamentais, na contramão do que caracteriza um regime democrático. O governo que temos atualmente no país não é apenas liberal na economia e conservador nos costumes, ele é claramente um governo de inspiração supremacista branca, heterossexual, católica, ocidental, masculina, urbana, e ligada ao uso das armas, ou seja, a decidir as contendas de modo violento, com a eliminação do outro, e não com o diálogo.

4. As questões que envolvem a produção das masculinidades têm sido uma pauta de debate no espaço escolar?

Como já comentei em parte na primeira questão, eu vejo que cada vez mais é sobre as escolas e sobre as políticas públicas de educação que o debate se intensifica. Claro está que também temos debates na mídia, nas redes sociais, na área da saúde, em torno de modos de ser homem e modos de ser mulher, masculinidades e feminilidades. Mas como todos podem perceber é no campo educacional que se trava uma batalha enorme em torno das questões de gênero e sexualidade, o que em especial pode ser percebido pelos movimentos como o Escola sem partido e o Ideologia de gênero, que inclusive funcionam há muito tempo como pauta conjunta, na qual as questões em gênero e sexualidade são muito valorizadas. A escola é cada vez mais temida por

famílias conservadoras como local onde se debatem questões ligadas à equidade de gênero, e onde seus filhos convivem com o pluralismo democrático, ou seja, em um ambiente onde circulam diferentes estilos de masculinidade, e mais ainda crianças e jovens que provêm de diferentes agregados familiares. O Brasil vive um momento muito delicado em que se criminaliza a diferença, a partir de um modelo do chamado “cidadão de bem”, que é claramente um homem branco, heterossexual, do meio urbano, profundamente conservador em termos morais, liberal em termos econômicos, machista, homofóbico, misógino, com fortes características racistas, de índole católica fundamentalista e profundamente hostil ao que ele considera “as minorias”, o que justifica uma frase que hoje circula muito, inclusive pela boca da mais alta autoridade do executivo nacional, que é “as minorias vão ter que se curvar às majorias”. Essa frase reflete bem um temperamento de não aceitação das diferenças, e mais ainda, de criminalização das diferenças, e dos movimentos sociais em que elas se agregam. Dessa forma, o movimento negro, os movimentos das muitas culturas juvenis, como as galeras funk e o rap, os movimentos LGBTQI+, os movimentos pela sustentabilidade ambiental, os movimentos de sem-terra e sem-teto, enfim, todos os que divergem das políticas do “cidadão de bem” são tidos como inimigos, e se prega de modo, muitas vezes, completamente aberto à eliminação de minorias, à eliminação do diferente, visto como inimigo. Por conta disso não tenho dúvidas em afirmar que temos hoje no Brasil forças que desejam a restrição das formas democráticas, até mesmo a eliminação da democracia no país. Dessa forma, a escola, com seu estatuto de gestão democrática, de pluralidade de concepções pedagógicas, sua ênfase no conhecimento científico, no diálogo entre as diferenças, na tolerância como valor que marca o espaço público, e mais ainda no respeito à diferença, no compromisso com os valores da educação em/ e/ para os Direitos Humanos, na argumentação raciocinada ao invés da mera opinião ou crença de fé, é vista como inimiga desse projeto único de cidadão, que é altamente centralizador e autoritário, e não admite contestação. No centro dessas brigas estão professores e professoras, dos quais se busca cassar a liberdade de ensinar e até mesmo a liberdade de expressão, valores constitucionais definidos em leis e códigos. Mas o que se percebe, muitas vezes, nas minhas incursões, no território escolar para etnografar a cultura escolar, é que não são exatamente os professores e professoras que levantam os temas em gênero e sexualidade, são os próprios alunos e alunas que desejam debater. Isso ficou muito evidente, e foi analisado por mim em um artigo, quando das ocupações

das escolas públicas em 2016. Uma vez interrompido o ciclo normal das aulas, nas diversas escolas que acompanhei o cotidiano por cerca de 45 dias, entre maio e junho, os coletivos de jovens definiram temas que lhes interessavam estudar e debater. Na totalidade das escolas que acompanhei, não apenas na cidade de Porto Alegre, como também em diversos municípios da região metropolitana de Porto Alegre, os temas em gênero e sexualidade tiveram grande destaque. Foram também esses temas que deram origem a uma série de práticas de equidade de gênero durante as ocupações: meninos e meninas em paridade nas comissões; definição de termos que não se poderia usar para não ofender mulheres, negros, gays e lésbicas e também pessoas gordas; códigos de conduta para tratar de temas em gênero e sexualidade; e muita, mas muita discussão sobre o assunto. Em uma das escolas que acompanhei mais de perto o grupo de alunos e alunas da ocupação, que passava de cinquenta jovens, se criou um regime de trabalho em que sempre havia homens e mulheres nas comissões, e isso produziu momentos de debate em que explicitamente discutiram sobre assédio moral, assédio sexual, violência, homofobia, machismo, sexismo, piadas de mau gosto, etc. Foi muito lindo de ver, e não foi nada proposto pelos professores ou professoras, veio tudo dos debates entre eles. Eu acredito muito no espaço público e, particularmente, no espaço escolar como local de debate desses temas. Por conta disso é que temos que assegurar que os espaços públicos sigam existindo, desde as escolas públicas, passando por unidades de saúde públicas, praças, feiras, estruturas públicas da área da cultura, programas educativos em televisão e rádio de dimensões públicas, etc. Mas de todas as iniciativas, é a escola a principal delas, pela presença na vida dos jovens, e pela dimensão que atingiu em termos de alcance com as políticas de inclusão derivadas da Constituição Federal de 1988.

5. Que movimentos tens buscado realizar para a inserção do debate das masculinidades na escola e na universidade?

A linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero oferta de modo continuado disciplinas sobre o tema, sempre com possibilidade de vagas para alunos externos à universidade ou de outras universidades com quem mantemos convênios, que são diversas. O Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero GEERGE organizou durante alguns anos uma especialização em temas em gênero e sexualidade, depois ofertou cursos em regime EaD para professores e professoras sobre esses temas, e publicou de modo gratuito os livros, que podem ser baixados no site da

Editora da UFRGS, uma coleção toda ela dedicada à formação permanente. Além disso, temos nos envolvido ativamente na luta contra o escola sem partido, e no debate com os integrantes do movimento conhecido como ideologia de gênero, inclusive em sua face mais dura, que é aquela da pedofilia e dos maus tratos emocionais. Criamos módulos de palestras para formar professores e professoras para compreender o que são questões em gênero e sexualidade, e qual a importância da liberdade de ensinar e do direito de aprender, pilares do direito à educação, todos eles previstos na Constituição Federal de 1988. Também tem acontecido cada vez mais que integrantes do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero são convidados para debates, palestras, aulas públicas, participação em programas de comunicação e mídias sociais. O momento é de muito debate e muito ativismo nesses temas. Dentro da universidade proliferam os coletivos de meninas negras, de jovens gays, de travestis e transexuais, e isso é um importante indicador da densidade democrática das instituições, embora ainda se encontre sob ataque pelas forças conservadoras.

6. Estamos vivendo um momento de ofensiva antigênero que visa a conter ou anular avanços e transformações em relação a gênero e sexualidade. Que resistências tens percebido nas ações que realizas junto à escola, à universidade ou em outros espaços educativos?

Como já em parte comentado acima, eu percebo que os ataques dirigidos a escolas e universidades provocam, entre outros resultados, um interesse pelo tema. Ou seja, pessoas que talvez não tivessem se interessado por ler acerca de questões em gênero e sexualidade passam a ter curiosidade, e, por vezes, até mesmo necessidade, de entender mais do assunto. A mesma coisa vejo em relação à liberdade de ensinar e à liberdade de aprender. São temas que não eram discutidos na escola, e agora há um debate enorme. Isso resulta em uma demanda cada vez maior sobre os grupos de pesquisa antigos no tema, como é o caso do GEERGE e também do GESE aqui na FURG. Não são apenas os alunos e alunas que passam a ter curiosidade em saber dos temas em gênero e sexualidade, são professores e professoras que se inscrevem em nossas aulas públicas, pois desejam entender do assunto. Muitas vezes o que lhes leva a estudar mais acerca do tema é realmente a necessidade, ou seja, percebem os ataques, percebem a curiosidade dos seus alunos, ficam no meio do fogo cruzado de perguntas e respostas, entre alunos e suas famílias, e querem saber melhor como proceder. De toda

forma, terminam por estar mais bem informados do que estavam antes. Claro está que temos professores e professoras que infelizmente concordam com as ideias da Escola sem partido e do movimento Ideologia de gênero, o que me parece uma completa contradição com a missão escolar, que é ampliar os horizontes de conhecimentos, e não se limitar aos conhecimentos ofertados pela família ou pelas religiões. Mas não se pode negar que tivemos uma politização enorme nesses assuntos, e isso resultou numa mistura de curiosidade, ativismo e resistência. A resistência é, muitas vezes, muito criativa, escolas que criam modalidades de debater o tema muito criativas. Fui convidado recentemente para acompanhar duas feiras de ciências, na verdade mostras de iniciação científica, em escolas municipais de ensino fundamental na grande Porto Alegre, e fiquei encantado com as produções dos grupos de alunos e alunas, discutindo a discriminação das mulheres no esporte, a história do feminismo, as conquistas do movimento LGBTQI+, e em uma escola de ensino médio um debate muito bom sobre o tema da pornografia, e de como isso impacta o respeito pelas mulheres, começando pelas jovens, que estavam promovendo o debate e fizeram cartazes muito bons. Isso não se via antes, pois, em parte, é resultado desse clima todo de confrontos. Claro que temos coisas muito ruins, como escolas que simplesmente entram na onda de proibir a abordagem desses temas, deixando os alunos sem ter com quem discutir.

7. Na universidade, tens atuado na linha de pesquisa “Estudo da produção das masculinidades em contextos específicos”. Poderias compartilhar com os/as leitores/as quais estudos e pesquisas vens desenvolvendo? Que potencialidades e desafios tens enfrentado nesse processo?

Como já comentei antes, comecei estudando a produção de masculinidades em contextos específicos, e ainda sigo fazendo isso e orientando trabalhos nessa linha, mas tenho migrado para outros temas. Mas eu acho que ainda temos um longo caminho pela frente no sentido de entender melhor o que é a produção de masculinidades em contextos específicos. Como se dá a produção de masculinidades em ambientes fabris, por exemplo? Esses dias acompanhei um estudo que lidava com segurança no trabalho, e as dificuldades em fazer os homens obedecerem às regras de segurança, por conta dos valores de masculinidade hegemônica presentes entre eles. Por exemplo, em certas situações, a regra é clara, você deve sair imediatamente de dentro da fábrica se certo alarme tocar, pois é uma situação de perigo grande, e você deve se afastar o mais

rapidamente possível da área onde trabalha, e buscar a saída. Acontece que numa das vezes em que esse alarme tocou, a grande maioria dos trabalhadores saiu, mas alguns homens foram lá ver o que era, desobedecendo às normas de segurança, e conseguiram travar uma válvula, evitando um acidente. Passaram por risco de vida. Tudo poderia ter terminado em morte inclusive, mas receberam dos colegas o apelido de “os Rambos da fábrica”, viraram heróis, contaram e recontaram o seu feito, mesmo tendo levado uma advertência do setor de segurança da fábrica, e isso elevou a moral deles, que se sentiram superiores aos demais. Agora, se o alarme tocar novamente, certamente haverá mais homens dispostos a desobedecer às regras para fazer valer sua masculinidade frente a dos demais, o que coloca toda a fábrica em risco. Dou esse exemplo para que fique claro como ainda temos o que pesquisar em termos de compreender como vivem os homens suas masculinidades em contextos específicos, sejam eles de trabalho, de família, de amizades, de trocas ocasionais e conversas de rua, de lazer e jogos, no uso das mídias sociais e aplicativos, no pertencimento religioso, na velhice, etc. Além disso, o Brasil é um país enorme, com grande diversidade de contextos culturais, econômicos, geográficos, sociais, marcado por fortes desigualdades. Esses dias assisti ao documentário *Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar*, na NETFLIX, que fala da cidade de Toritama, no Agreste Pernambucano, onde todo mundo está envolvido na produção de roupas de jeans. É um documentário brasileiro muito bom mesmo. Ele não é sobre masculinidades, de jeito nenhum. Mas ele permite perceber o que é o trabalho masculino em uma tradicional indústria de mão de obra feminina, que é a indústria têxtil. Ele levantou muitas perguntas na minha cabeça sobre a produção de masculinidades naquela cidade, homens trabalhando em máquinas de costura, lavando, cortando tecido, passando a ferro, tudo atividade tradicionalmente feminina, em um contexto muito específico, pois de cada 5 peças de jeans usadas no Brasil uma delas vem daquela cidade, que vive em função disso. Enfim, temos muito trabalho pela frente ainda para conhecer melhor as masculinidades.

8. Dentre as produções culturais, alguns filmes, novelas, propagandas entre outros artefatos, vêm produzindo sentidos e significados acerca das masculinidades e da violência de gênero. De que forma esses artefatos, que possuem pedagogias culturais, podem ser utilizados a fim de potencializar e/ou desconstruir representações de masculinidades hegemônicas?

Esse é um dos temas mais fascinantes hoje em dia, a saber, o modo como os artefatos culturais podem ser analisados enquanto portadores de pedagogias culturais, mais especificamente em nosso caso pedagogias do gênero e da sexualidade. Eu gosto muito de ler trabalhos que enfocam essas modalidades de análise das produções audiovisuais, culturais, da web. Gostei muito de algumas entrevistas de Slavoj Žižek em que ele comenta um último trabalho seu analisando a feminilidade tóxica no último episódio da série Game of Thrones, e mostra que a transformação de Daenerys em uma rainha louca é produto de uma fantasia patriarcal masculina, que teme mulheres poderosas, não aguenta lidar com elas, e só pode dar a elas um final desse tipo, o enlouquecimento, ou então a morte. Cada vez mais vivemos imersos em interações com produções culturais, que estão presentes em nossos celulares, e que as pessoas a todo momento acessam para diversão ou distração ou enriquecimento cultural. Dessa forma, vejo que há muito espaço, e muita necessidade de analisar essas produções e seus impactos na produção de masculinidades e feminilidades. O conceito de pedagogias do gênero e da sexualidade, na esteira das pedagogias culturais e dos currículos culturais, é uma poderosa ferramenta conceitual para dar conta dessas análises. Temos, hoje em dia, uma proliferação de séries e sagas de personagens míticos que nos dizem muito dos modos como a sociedade enfrenta as ansiedades em termos das relações entre homem e mulher, entre a distribuição dos espaços e oportunidades para o feminino e o masculino, enfim as relações de gênero. Certamente há um elemento de pânico moral nessas, relações, muito bem explorado por forças conservadoras que temem a equidade de gênero, a visibilidade e os direitos das minorias. Então, as produções culturais têm muito a nos informar sobre como andamos lidando, enquanto sociedade, com isso. Há filmes e séries que, por exemplo, misturam questões de migração com relações de gênero, ou com questões de orientação sexual, ou então mostram certa empatia e fraternidade entre mulheres, como é o caso do filme islandês *Inspire Expire*, também na NETFLIX, que mistura raça, migração e parceria entre mulheres que percebem que o mundo dos homens lhes faz mal, lhes oprime. Então eu acho que esse é outro rumo de pesquisa que devemos investir muito, ser muito sérios em entender o que são as produções culturais, entender dos seus regimes de elaboração, entender mais da indústria cultural, e analisar com as nossas ferramentas da área da educação e dos estudos culturais e estudos em gênero e sexualidade.

9. Você coordena atualmente o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE). Revisitando as ações promovidas pelo grupo ao longo dos seus 29 anos de atuação, quando a temática das masculinidades torna-se pauta de estudos? Que pesquisas foram produzidas nesse campo? É possível perceber alguns efeitos das discussões que o grupo tem promovido sobre as masculinidades? Poderia comentar isso?

Estamos em vias de produção de um livro para contar parte do trabalho do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero, nesses 30 anos que se completarão em 2020. O tema das masculinidades já havia sido abordado antes em alguns trabalhos orientados pelas minhas colegas. Foi com a minha tese que esse tema virou uma ênfase temática da linha de pesquisa e da atuação do GEERGE. Penso que há vários efeitos das nossas abordagens. Um deles se refere à questão da pergunta anterior, dos artefatos culturais. Tivemos muitas dissertações e teses que se debruçaram em analisar artefatos culturais, especialmente produções voltadas a crianças e de uso no ambiente escolar, como é o caso dos filmes da Disney. Nesses trabalhos, muitas vezes, se analisaram as relações de gênero, os processos simultâneos e coordenados que envolvem a produção de posições de sujeito masculinos e femininos. Com a entrada das teorizações queer na pauta de estudos do grupo, iniciadas com a professora Guacira Lopes Louro, tivemos um renovado interesse pelos temas que envolvem a produção da norma e as relações com a norma, e as masculinidades estão em geral alinhadas com a norma, onde normal é ser masculino, e o feminino é a exceção, o outro. As pesquisas então se deram tanto em conhecer as produções de masculinidades em contextos específicos, como já abordei anteriormente, como em pensar a masculinidade como algo estruturante do mundo, aliada à noção de norma. Quebras de masculinidade são vistas, muitas vezes, como quebras do mundo, da ordem do mundo, provocam enorme ansiedade, e as teorizações queer ajudam a entender esses processos. Também tivemos enormes avanços no estudos das masculinidades não hegemônicas, caso da masculinidade bissexual, da masculinidade homossexual, das masculinidades trans, e produção de conceitos em torno desses temas. Também é importante relatar que a grande maioria dos trabalhos dialoga de modo intenso com o campo da educação, e, muitas vezes, com o campo da cultura escolar. Dessa forma, são trabalhos que auxiliam a pensar a formação docente e a compreensão das culturas juvenis nos elementos de gênero e sexualidade.

10. Tens alguma sugestão de sites, livros ou filmes que possam contribuir para discussão das masculinidades na escola/espços educativos?

Recentemente tivemos o lançamento do documentário O Silêncio dos Homens (2019), disponível de modo gratuito na web, que aborda um conjunto de ansiedades e angústias que enfrentam os homens na produção de suas masculinidades. É difícil indicar livros, pois temos tido uma produção cada vez mais consistente de livros que abordam as masculinidades em muitas direções, por exemplo, as conexões entre masculinidades homossexuais e pertencimento religioso; a construção de masculinidades negras (sobre esse tema temos tido grande número de lançamento de livros e dossiês de revistas científicas bem como artigos em revistas do campo cultural); masculinidades trans (outro tema em grande exploração, com variadas reportagens, programas de TV, dossiês de revistas); envelhecimento masculino (outro tema em expansão, programas de TV, séries, pesquisas nacionais). Sou uma pessoa que gosta de navegar na web, e de assistir a séries em diversos canais. Quem desejar conhecer mais sobre masculinidades vai perceber que a cada ano temos tido lançamentos de filmes e séries que discutem os impasses de ser homem, em diferentes contextos. Apenas para citar como exemplo, assisti toda a série da NETFLIX intitulada Shtisel, que acompanha uma família judaica, mas em especial a figura do patriarca, que desempenha a função de professor, e perde a esposa ficando viúvo. Certamente não é um filme que foi feito pensando em discutir a masculinidade, mas ele se presta excepcionalmente para que possamos compreender como se dão os embates na construção das masculinidades em um contexto muito particular que, inclusive, no caso dessa série em particular, não é muito do meu conhecimento, pois não sou versado na cultura judaica. Dessa forma, o que tenho feito é garimpar tanto na web como nas mídias sociais ambientes e séries e filmes onde há claramente elementos que permitem saber das pedagogias de produção das masculinidades. Para dar outro exemplo, há diferentes estilos de ser homem em um filme muito poético, também disponível na NETFLIX, intitulado Lazzaro Felice. Certamente um filme que não foi feito para pensar em masculinidades, mas que, ao acompanhar as desventuras de um rapaz e suas interações com mulheres e homens em diferentes contextos de épocas e lugares, permite falar muito sobre a produção de masculinidade. Quanto a sítios na web, eu navego em sítios de todo tipo. Por exemplo, temos tido uma proliferação de sítios web que tratam do tema da impotência masculina,



Fernando Seffner tem licenciatura em História e Doutorado em Educação pela UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Professor Titular da Faculdade de Educação da UFRGS, Departamento de Ensino e Currículo. Docente e orientador junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, com ênfase temática nas pedagogias de construção das masculinidades. Docente e orientador no Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, polo UFRGS. É Coordenador do GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (2017-2021) e o atual coordenador do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero GEERGE. Currículo online disponível em <http://lattes.cnpq.br/2541553433398672>

e eu gosto de ler as matérias, pois elas nos indicam quais os principais medos dos homens nesse tema, seus temores e ansiedades. Outro conjunto de sítios web são dedicados a resgatar o que seria uma “verdadeira masculinidade” que estaria perdida ou ameaçada pela visibilidade das masculinidades homossexuais e das masculinidades trans e pelos notáveis avanços do feminismo. Ali se recomendam exercícios, dicas de leitura, lugares para frequentar e roupas para vestir, ou seja, em todos esses lugares se mostra, fica absolutamente claro, como estamos politizando a produção de masculinidades e feminilidades, ou seja, não é mais visto como “natural” que homens sejam assim ou assado. Sabe-se, mesmo os conservadores sabem, que temos que investir na produção de masculinidades, e nisso eles terminam por concordar com nossos pressupostos de estudo, embora na direção contrária dos valores sociais.